

Salvado, António (2015). *Poemas nascidos da «Cantiga Partindo-se» de João Roiz de Castelo Branco. Selecção de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata. Castelo Branco: RVJ-Editores, pp. 37*

Salvado, António (2015). «O Olhar do Ver. O Ver do Olhar» seguido de «Cantares de Amigo. Cantares de Amor». Castelo Branco: RVJ-Editores, pp. 118

Manuel G. Simões
(Università Ca' Foscari Venezia, Italia)

Ao celebrar os 500 anos da morte de João Roiz de Castel Branco, poeta do século XV e inserido no *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, organizou-se um volume contendo um conjunto de poemas do poeta nosso contemporâneo António Salvado, inspirados na famosíssima «Cantiga partindo-se», um dos mais belos exemplos da poesia lírica daquele *Cancioneiro*. De facto, ao longo da sua vastíssima obra poética, iniciada com *A Flor e a Noite* (1955), António Salvado revisitou de diferentes modos o texto de João Roiz, conferindo, porém, às novas composições um traço distintivo que parece resumir-se a uma condição em que o sujeito se confronta com o inatingível, a carência de um almejado bem, aspectos que não andam longe dos temas do amor não correspondido ou da solidão que, de alguma maneira, representam o prolongamento da lírica galego-portuguesa.

Em alguns exemplos de António Salvado, no volume seleccionados como inspiração directa da «Cantiga», a intertextualidade reside apenas em significantes ('tristeza', 'ausência' e 'despedida') ou numa relação de recíproca dependência do lexema 'olhos' que no poema «Aí» (*Águas de Sono*, 2003) o mesmo sujeito, todavia, parece utilizar para esconjurar o mal de ausência: «Bato à porta dos olhos que m'esperam | [...] | Neles entrar é destruir partidas» (p. 31).

A intertextualidade é todavia explícita noutros lugares textuais do autor. Em «Cantiga partindo-se» (*Tropos*, 1969) o texto quincentista convocado exprime-se logo no título e no *incipit* em que a isotopia da tristeza é por demais evidente: «Dói-me esta ausência [...] dos meus olhos que vão partir por ti» (p. 20); e no «Soneto em lembrança de João Roiz de Castelo Branco» (*Utere Felix*, 1990) repetem-se até segmentos («Tão tristes...tão

saudosos») numa adesão textual à musicalidade e à «espontânea (ou sábia) combinação de efeitos literários» (A. Crabbé Rocha) da cantiga tomada como modelo.

A mesma relação intertextual é veiculada pelo grupo *Cantares de Amigo*. *Cantares de Amor* do segundo livro aqui em análise, relação explicitamente declarada com a informação complementar de que se trata de textos «inspirados em *cantigas trovadorescas*». Como se sabe, a poesia lírica galego-portuguesa exerceu sempre um enorme fascínio sobre o imaginário e o fazer poético da tradição lírica portuguesa, chegando até à contemporaneidade através de glosas, paráfrases, ecos, memória ou substrato que os cancioneiros nos legaram. Ainda nos anos '60 do século XX, um dos géneros líricos medievais (a cantiga de amigo) foi convocado como modelo intertextual de uma série de poetas (Fiama Hasse Pais Brandão, Manuel Alegre e outros), transferindo o tema da ausência e o correlativo tópico da dor para uma referencialidade dramática de efeitos devastantes na sociedade portuguesa: a ausência numa guerra desamada, a guerra colonial (veja-se Manuel G. Simões «A poesia universitária e a guerra colonial», *Rassegna Iberística*, 93, 2011, pp. 47-58).

António Salvado não segue idêntico critério até porque as trinta «cantigas de amigo» e as quatro «cantigas de amor» se inscrevem estritamente no âmbito da poesia amorosa, retomando a maior parte das vezes o esquema dos respectivos modelos – dístico e refrão, com variantes estróficas mas mantendo o refrão – e as isotopias mais ou menos fixas da lírica galego-portuguesa: a ausência 'do amigo', a inconstância (e o ciúme), a angústia da espera ou da não correspondência do amor.

Há, neste 'cancioneiro', composições mais declaradamente ligadas ao modelo, como as duas cantigas dialogadas («Ai, folhas verdes...» e «Ai, minha madre...», pp. 78-79) com ecos e recuperação de segmentos textuais do rei-trovador D. Dinis; a cantiga «Bailemos as três...» (p. 83), na esteira da famosa «cantiga das avelaneiras» de Johan Zorro, reelaborada por Airas Nunez; ou ainda «Erguei-vos, amigo...» (p. 81), que retoma a conhecida cantiga de Nuno Fernandez Torneol, por exemplo. Mas, no seu conjunto, o *corpus* textual de António Salvado exhibe um cruzamento de estilemas e lexemas que a memória poética distribuiu pelas diferentes composições, agora ressemantizadas até pela reutilização de um material linguístico que reorganiza as formas do conteúdo, e denotando a mestria da oficina rigorosa, que sempre foi um apanágio do Autor.